

Autor:

Fernanda Pereira Mendes

fernandamendes73@gmail.com

Título:

A *DIVINA COMÉDIA* E PETRUS ALPHONSI HISPANUS O.P.: OUTRO PORTUGUÊS NOTÁVEL NA IDADE MÉDIA? (II)

Resumo:

Na parte I dessa investigação, mostrámos que nem a filologia dantiana nem os comentários contemporâneos à *Divina Comédia*, escritos no século XIV, permitiam a identificação de Pedro Hispano com o papa João XXI, em sintonia com os trabalhos de D'Ors e Meirinhos. No presente artigo, apresentamos novos argumentos e documentos no sentido de identificar o Pedro Hispano da *Divina Comédia* com um frade dominicano de nome Pedro Afonso Hispano, eventualmente o mesmo que, em 1245, assistiu ao juramento realizado em Paris pelo futuro rei Afonso III de Portugal. Entre os novos elementos aqui apresentados, destaca-se a possibilidade de identificação do mencionado frade com o irmão bastardo homónimo anunciado pelo monarca em 1249.

Palavras-chave:

Divina Comédia, Pedro Hispano, Ordem de São Domingos; *Summulae Logicales*

Abstract:

In part I of this investigation, we demonstrated that neither Dante's philology nor contemporary commentaries on the *Divine Comedy*, written in the 14th century, allowed the identification of Pedro Hispano with Pope John XXI, in line with the works of D'Ors and Meirinhos. In this article, we present new arguments and documents in order to identify Pedro Hispano with a Dominican friar named Pedro Afonso Hispano, possibly the same one who attended the oath taken in Paris by the future king Afonso III of Portugal, in 1245. Among the new elements presented here is the possibility of identifying the mentioned friar with the homonymous bastard brother announced by the monarch in 1249.

Keywords:

Divine Comedy, Peter of Spain, Dominican Order, *Summulae Logicales*

Plano:

Introdução

Entre *Hispania*, *Gallia* e *Teutonia*

O frade Pedro Afonso Hispano e o rei Afonso III

Conclusão

Bibliografia

Como citar este artigo:

Fernanda Pereira Mendes, «A *Divina Comédia* e Petrus Alphonsi Hispanus O.P.: Outro português notável na idade média? (II)», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, n.º 7, 2022, pp. 55-69.

DOI: <https://doi.org/10.21747/21839301/gua7a4>

A DIVINA COMÉDIA E PETRUS ALPHONSI HISPANUS: OUTRO PORTUGUÊS NOTÁVEL NA IDADE MÉDIA? (II)

Fernanda Mendes
SMELPS/IF/FCT
Universidade do Porto

Em trabalhos anteriores¹, chamámos a atenção para a insustentabilidade científica da identificação do Pedro Hispano mencionado na *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, com o papa João XXI. Mostrámos que nem a filologia dantiana nem os comentários contemporâneos ao poema canónico, escritos no século XIV, permitiam tal identificação: pelo contrário, pelo menos um deles aponta claramente na direcção de um frade dominicano homónimo, em sintonia com os recentes trabalhos de D’Ors e Meirinhos. De acordo com esses autores, a biografia do pontífice é conjecturada para fazê-la coincidir com os testemunhos de autoria da obra. Além disso, D’Ors demonstrou a debilidade de um dos principais argumentos em defesa da autoria papal: o facto de a maioria dos manuscritos chamar a Pedro Hispano *magister* e não *frater*², como costumavam ser chamados, na maioria das vezes, os mestres dominicanos na altura, como Alberto Magno e Tomás de Aquino, para citar alguns exemplos. Tampouco há provas documentais de que o papa João XXI fosse mestre pela Universidade de Paris: o único Pedro Hispano portador do título de mestre, na base prosopográfica de membros da Universidade de Paris, até o momento, é um cônego da diocese de Reims³, cuja relação com a matéria que nos ocupa requer futuras investigações.

Para além de reforçar a defesa da tese de autoria dominicana do *Tractatus* (posteriormente designado *Summulae Logicales*), esboçámos a possibilidade de identificar a personalidade em questão com o frade dominicano *Petrus Alphonsi Hispanus* que, em 1245, testemunhou o juramento solene do futuro rei Afonso III de Portugal, realizado em Paris. Tal hipótese fundamenta-se no catálogo de escritores

¹ Mendes (2019, e uma versão ampliada e revista em 2021).

² Segundo D’Ors (2001, pp. 254-255), a Ordem Dominicana tomou emprestadas do âmbito académico as denominações de seus cargos internos: *Magister Ordinis*, *Magister studentium* e *Rector scholarum*. Ver resumo da argumentação em Mendes (2019, p. 38).

³ *Studium Parisiense*: base prosopográfica da Universidade de Paris entre os séculos XII e XVI: Ficha prosopográfica 52459. Disponível em: <http://studium-parisiense.univ-paris1.fr/individus/52459-petrushispanus1>.

dominicanos da Abadia de Stams (anterior a 1311⁴), que é o mais antigo documento a atribuir um nome específico ao autor do *Tractatus* – os doze livrinhos de lógica responsáveis pelo esplendor de Pedro Hispano no *Paraíso* de Dante. Destacámos, ainda, a relação de homonímia com a mais antiga edição impressa da obra, de 1474, editada em Flandres⁵, assinalando a existência de fontes de maior detalhe sobre a autoria da obra mais ao norte da Europa.

A análise filológica dos manuscritos da obra sugere uma relação do autor com o reino de Leão (que, a partir de 1230, foi anexado a Castela) dada a menção⁶ na obra a três cidades leonesas; indica ainda que foi escrita antes de 1250 e que sua primeira difusão se deu principalmente no sul de França, tendo início entre 1260 e 1270. Cabe acrescentar que, mais ou menos na mesma época, já havia pelo menos um exemplar do *Tractatus* entre os professores da Universidade de Paris, em posse de Adenulfo de Anagni, que legou o manuscrito ao colégio da Sorbonne em 1289, após a sua morte.

A exemplo da *Divina Comédia*⁷, nenhum dos comentários mais antigos ao *Tractatus* o atribui ao Papa João XXI e pelo menos um deles atribui a autoria a um frade dominicano: Felipe de Ferrara (primeiras décadas do século XIV) afirma que Pedro Hispano tomou o hábito “depois” de escrevê-lo. Entre as informações ainda mais específicas sobre o autor da obra, além do catálogo de Stams (posteriormente reproduzidas pelos catálogos de Pignon e Saint Ann), destacam-se, ainda, as compilações *Omnes Homines* (sécs XIII-XIV) que a atribuem a um *Petri Hispani Gallici*, destoando da tradição ao indicar a proveniência francesa do autor. Efetivamente, há um Pedro Hispano, nascido em Limoges, bem documentado nas actas da província dominicana da Provença entre os anos de 1253 e 1279⁸: neste caso, o locativo é, na verdade, um sobrenome que provém da família Espagne, de Montespain, território vizinho ao reino de Navarra. À luz desse testemunho, imaginámo-lo um possível candidato à autoria da obra em questão⁹. No entanto, descartamos essa possibilidade, pois não nos parece que a autoria de obras escritas tivesse passado despercebida numa biografia tão bem documentada como a do frade Pierre D’Espagne.

Também havíamos chamado a atenção para um testemunho que, embora tardio, se destaca pela singularidade de chamar *Petri Burdegalensis, quem Hispanum dicunt*

⁴ Denifle (1886, n. 91).

⁵ Mendes (2019, p. 45).

⁶ Em *Tractatus* V, 3, ao tratar do *exemplum*, Pedro Hispano ilustra-o da seguinte forma: «Legionenses pugnare contra Astoricenses est malum; ergo Astoricenses pugnare contra Zamorenses est malum»; utrumque enim est affines contra affines pugnare». Trata-se de uma adaptação do exemplo dado por Aristóteles a propósito da mesma questão, mas substituindo “atenienses, tebanos e focios” por «legionenses, astoricenses e zamorenses». Cfr. D’Ors (2007, pp. 167-170).

⁷ Mendes (2019, pp. 36-37).

⁸ Douais (1894, pp. 35-36; 57; 82; 91-92; 160; 233; 242).

⁹ Mendes (2021, pp. 44-45).

ao autor do *Tractatus* e, em seguida, dizer que acredita ser pontífice¹⁰. Trata-se do comentário à obra feito no final do século XV por Trutvetter, que foi professor na Universidade de Erfurt, Alemanha, que certamente teve diante de si algum testemunho mais antigo com esta atribuição. Recentemente, encontramos uma personagem que se presta a tal confusão: o navarro Pedro de Roncesvalles, conhecido como *Petrus Burdegalensis*, que foi arcebispo – como o papa – mas de Bordéus, de 1260 até a sua morte, e manteve relações estreitas com a comunidade dominicana de Bordéus, onde foi enterrado¹¹. Para D’Ors, essa denominação poderia remeter a um *Magister Petrus rector burdegalis* do qual dá notícias Geraldo de Frchet, relativas ao ano de 1238, mas sem o identificar como dominicano.

Essa personalidade poderia ser identificada com um mestre Pedro de Bordéus que foi designado senescal do rei Henrique III em 1242 até pelo menos 1264¹², mas não encontramos notícias de que fosse de origem hispânica ou de que tenha pertencido à Ordem dos Pregadores. Porém, em rigor, nada impede que o autor do *Tractatus* tenha tido algum vínculo com Bordéus, antes ou depois de tomar o hábito dominicano.

Efetivamente, não há qualquer impedimento para a identificação de Pedro Hispano com algumas das personagens homónimas ativas na primeira metade do século XIII das quais dão notícias diferentes testemunhos, de dentro ou de fora da ordem dominicana, já que sempre existe um antes e um depois da tomada do hábito. Entre outros testemunhos compilados por D’Ors, há, por exemplo, um Pedro Hispano leitor em Bolonha ao qual remete uma tradição de comentários à *Divina Comédia* posterior ao século XIV¹³. Possivelmente, alguns deles correspondem a distintas etapas da biografia do verdadeiro autor do *Tractatus*. Mas, como já foi argumentado, os documentos mais antigos obrigam a prestar maior atenção a um frade Pedro Afonso Hispano da Ordem dos Pregadores.

Como antes argumentado¹⁴, De Rijk, autor da primeira edição crítica do *Tractatus* (1972), deu muita importância ao homónimo que testemunhou o juramento de Paris, ao ponto de lhe atribuir o “erro dominicano”. Ou seja, para o autor, a tese de autoria dominicana seria resultado de uma confusão entre “dois proeminentes portugueses”, isto é, o frade e o papa João XXI/Pedro (Julião) Hispano. De Rijk não se deu conta que esta possibilidade tem cabimento também no sentido inverso; o mesmo sucedendo com D’Ors, que defendia a autoria dominicana, mas estava determinado a encontrá-la entre frades originários dos antigos reinos hispânicos. Sem ter encontrado qualquer candidato consistente, este autor deixou a investigação aberta a futuras contribuições, que

¹⁰ Mendes (2021, pp. 44-45).

¹¹ A informação consta da página da comunidade dominicana de Bordéus: <https://bordeaux.dominicains.com/les-dominicains-a-bordeaux-pres-de-huit-siecles-dune-grace-partagee-1230-2015/>.

¹² Taillebourg & Saintes (1893, p. 296, n. 5).

¹³ Cfr. D’Ors (2007, p. 147).

¹⁴ Mendes (2019, pp. 42-44); De Rijk (1986, pp. XXV-XXVI).

reavaliassem os documentos conhecidos para redirecionar a busca por novas informações.

Entre Hispania, Gallia e Teutonia

Com independência do argumento da confusão entre dois Pedros Hispanos portugueses – o papa e o frade dominicano de Paris –, o facto é que, até ao momento, não há estudos sobre a autoria dominicana do *Tractatus* sob a perspectiva lusa. Ao adoptá-la, encontrámos informação nova sobre um Pedro Hispano médico numa obra de referência na bibliografia desta matéria: a *Vita Fratrum*, de Gerald de Frachet, escrita ao redor de 1255¹⁵. Este cronista dominicano recebeu a informação diretamente de Frei Gil de Santarém, a quem também atribui a prática da medicina. Tratar-se-ia da mesma personagem do juramento de Paris?

Lamentavelmente, nada se pode dizer sobre o frade Pedro Afonso Hispano a não ser o que se pode extrair do documento, no qual o seu nome completo vem à tona por força da natureza jurídica do testemunho. Ou seja, é bem possível que tenha sido nomeado apenas Pedro Hispano caso tenha sido mencionado em outros documentos. Sua ascendência lusa é uma inferência a partir desse contexto legal: é coerente do ponto de vista da legitimidade do juramento que houvesse pelo menos um membro de origem portuguesa da Ordem de São Domingos. Mas o locativo «Hispano» indica que estaria vinculado a algum convento fora de Portugal, pelo menos na altura. Caso contrário, o mais provável é que fosse apresentado por um locativo luso, como o «Bracarense» do frei franciscano Domingos, que viajara de Portugal junto com o arcebispo de Braga e o bispo de Coimbra. As outras testemunhas eram basicamente os anfitriões da Igreja de Paris, o capelão do papa, o custódio da casa local dos franciscanos e outros dois frades dominicanos, além de D. Afonso e seus dois nobres camareiros¹⁶. Também é provável que o frei Pedro Afonso Hispano tivesse que alguma relação anterior com D. Afonso, em França, e na altura estivesse em estância de estudos ou ao serviço da ordem no convento de Saint Jacques, em Paris.

Quanto à possibilidade de vincular a personagem ao *Tractatus*, só podemos destacar a coincidência da sua presença em Paris mais ou menos na mesma altura em que Humberto de Romans, então prior da província dominicana de França, atribui a autoria de uma *Legenda Sancti Dominici* a um Pedro Hispano, num documento datado

¹⁵ Silva & Silva (2016, p. 47).

¹⁶ «[...] mestre João, capelão do senhor papa e deão da Igreja Carnotense, mestre Lucas, deão, mestre Pedro, chanceler de Paris, Pêro Garcia, tesoureiro de Braga, Soeiro Soares, chantre [de Cidade Rodrigo]; Frei Pedro de *Pictavia*, custódio da Casa dos Frades Menores de Paris, frei Henrique Teutónico, frei Martinho de *Valentinis*, frei Pedro Afonso Espanhol da Ordem dos Pregadores, frei Domingos Bracarense da Ordem dos Menores, Rui Gomes de Briteiros e Gomes Viegas, cavaleiros, Pedro Honórico e Estêvão Enes, varões nobres, camareiros de D. Afonso, conde de Bolonha [...]» Brandão (1632, p. 157). Texto original em latim em Sousa (1739, pp. 51-53).

de 1246. Provavelmente trata-se da primeira história de São Domingos ou *Legenda Prima*, que parece ter sido a única que existia até então. Também é a única história de São Domingos de autoria anónima, escrita por encomenda da Ordem após a canonização de seu fundador, em 1234¹⁷. Esse testemunho parece ser uma das fontes do frade Luís de Valladolid que, por volta do ano 1400, afirma que o autor do *Tractatus* havia escrito também uma história e um ofício de São Domingos. À partida, não há nada que o desacredite, salvo o facto de se tratar de um testemunho tardio com respeito aos acontecimentos aos quais remete. Mas, caso a informação seja certa, e à luz do catálogo de escritores dominicanos de Stams, o frade Pedro Afonso Hispano do juramento de Paris parece ser um candidato plausível para a autoria de ambas as obras.

O único aparente impedimento para a conciliação desses testemunhos é a atribuição da *Legenda Prima* ao frade dominicano Pedro Ferrando, mas cujos argumentos são inconclusivos. Toma como base um obituário escrito pelo frade português Gil de Santarém, que foi prior da província de *Hispania* por longos anos. A data do testemunho é anterior a 1258, quando foi incorporado à *Vita Fratrum* de Gerald de Frachet, mas trata-se de uma notícia enviada a Humberto de Romans, que então já era Mestre Geral da Ordem¹⁸.

Frei Gil de Santarém informou que Pedro Ferrando escreveu uma *Vita Beati Dominici*, que alguns autores identificam com a *Legenda Prima*¹⁹ e que outros identificaram com um texto castelhano intitulado *Vida de São Domingos*²⁰. Este, embora seja um texto do século XIV, poderia ser uma cópia ou tradução do texto de Pedro Ferrando, o que nos parece mais coerente com a informação dada por frei Gil de Santarém. A essa polémica só nos cabe acrescentar o silêncio de Gil de Santarém quanto à autoria do *Tractatus*. O argumento do silêncio costuma ser considerado cientificamente débil, mas ao nosso ver não se aplica aos obituários: seria de se esperar, pelo menos, uma menção genérica a «outros escritos». Portanto, é menos provável que a obra tenha sido escrita por Pedro Ferrando do que por um Pedro Afonso cuja biografia parece ter passado despercebida pela Ordem.

O testemunho de Luís de Valladolid, assim como outros, também afirma a origem castelhana do autor do *Tractatus*, o que parece ter sido um dos motivos para o descarte de personagens lusas no ambiente dominicano. Mas é facto conhecido da historiografia portuguesa a intensa mobilidade da nobreza a finais do século XII princípios do século XIII entre Portugal, Castela e Leão²¹ (anexado a Castela em 1230). Na altura, não só a rainha consorte de Portugal era Urraca de Castela como Teresa de Portugal era rainha consorte de Leão. Portanto, é cabível que o frade Pedro Afonso tenha nascido e passado

¹⁷ D'Ors (2015, p. 48).

¹⁸ Cfr. D'Ors (2015, pp. 53-54).

¹⁹ Cfr. D'Ors (2015, pp. 44-53).

²⁰ Cfr. D'Ors (2015, pp. 67-69).

²¹ Sobre essa matéria ver Pizarro (2010).

a infância e pelo menos parte da juventude no reino que se tornaria Castela e Leão, ainda que seus pais fossem portugueses, ou pelo menos um deles. E que tenha passado aí a sua infância e parte da juventude e que, mais tarde, tenha ido a França, onde vivia D. Afonso, na corte francesa, aos cuidados de sua tia, a rainha Branca de Castela, vindo aquele depois, pela via matrimonial, a tornar-se conde de Bolonha.

Outro destino possível seria Flandres, onde Fernando Sanches de Portugal foi conde entre 1212 e 1233, pela via do casamento com Joana de Constantinopla. O casal manteve estreita relação com a Ordem dominicana, e é lembrado até hoje pelo apoio à fundação dos primeiros conventos da região. Além disso, Fernando de Portugal teria sido visitado pelos dominicanos de Paris quando esteve preso na Torre do Louvre, entre 1214 e 1226, devido à derrota na batalha de Bouvines, contra o rei da França, da qual foi um dos principais protagonistas²². Os laços entre Portugal e Flandres têm particular interesse para a matéria que nos ocupa, pois foi no condado flamengo onde foi encontrada a primeira edição impressa do *Tractatus*, que data de 1474, que é a única a atribuir a obra a um frade Pedro Afonso Hispano. Tendo em vista que o editor da obra, João de Westfália, era impressor oficial da Universidade da Lovaina²³, é de concluir que foi impressa por encomenda da própria universidade, o que sugere a existência de um manuscrito mais antigo com a mesma atribuição, conhecido entre os professores da faculdade de Artes, fundada em 1425.

A presença desse testemunho único num território historicamente marcado pela presença portuguesa, faz a balança pender na direção de um frade homónimo de ascendência lusa. Em qualquer caso, requer maior atenção dos investigadores que, em geral tendem a descartar quaisquer atribuições a Pedro Afonso Hispano como autor do *Tractatus*, uma vez que a maioria dos testemunhos se limita a atribuí-la a Pedro Hispano quando, em rigor, não há nenhuma contradição entre ambas.

Em qualquer caso, fica claro que essa atribuição mais específica, incluindo o segundo nome do possível autor, surge por duas vezes em territórios abrangidos pela província dominicana da *Teutonia*, que incluía a Áustria (onde se situa a abadia de Stams) e também os conventos flamengos pelo menos até 1259, quando alguns deles passaram a integrar a província de França. É possível que Pedro Afonso Hispano tenha tomado o hábito em algum convento flamengo, ou pelo menos que tivesse laços com a comunidade dominicana flamenga.

Como se lê no elenco de testemunhas do juramento de Paris antes citado, há entre elas um frade de origem teutônica que, ao nosso ver, poderia ser identificado com um Henrique de Colônia sénior ou Henrique de Marburgo. Esteve ao serviço da província de França, viveu em Paris pelo menos entre 1240 e 1248²⁴, e destacou-se principalmente

²² É a própria página da província dominicana da Bélgica que recupera os acontecimentos citados: <https://www.dominicains.be/fr/histoire-des-dominicains/62777-histoire-des-dominicains-en-belgique>.

²³ Delannoy (1915, p. 1061).

²⁴ *Studium Parisiense*: Ficha prosopográfica 51230. Disponível em: <http://studium-parisiense.univ-paris1.fr/individus/51230-henricusdecolonia2>.

pelo protagonismo no episódio da disputa do *Talmud*, que levou à queima de centenas de exemplares do cânone judaico: foi provavelmente um dos tradutores da documentação de suporte à polémica²⁵; depois foi enviado às Cruzadas e faleceu na viagem de regresso, em 1254.

Tal identificação é também uma inferência com base no documento do juramento, uma vez que todas as outras testemunhas não-portuguesas claramente representavam as suas respetivas instituições em Paris; portanto, não faz sentido que alguma se tivesse deslocado à cidade especialmente para assistir ao evento. Ou seja, os franciscanos enviaram o custódio da casa parisiense e os dominicanos, dois residentes do convento de Saint Jacques, um deles o mencionado frade de procedência teutônica²⁶. Teria, este, alguma relação anterior com o frade Pedro Afonso Hispano? Lamentavelmente, nada na biografia do frade Henrique pode lançar novas luzes sobre o português.

Por outro lado, o contexto da polémica antijudaica no qual esta personagem está inserida não deixa de remeter à difusão temporã do *Tractatus* entre os judeus. Em princípios do século XIV, já havia pelo menos um comentário à obra – de Hezekiah bar Halafta ou Bonenfant de Millau, situado no sul de França²⁷. Teria essa receção temporã alguma relação com a disputa do *Talmud*? Também é facto que esta polémica – a primeira grande iniciativa antijudaica envolvendo o livro hebraico – acabou por ampliar o conhecimento dos cristãos sobre os judeus e é possível que se tenha dado o mesmo fenómeno na direcção oposta. Pelo menos uma tradução hebraica afirma que o autor «recorreu à lógica dos gentios para ajudar os judeus nas discussões polémicas»²⁸.

Do lado cristão, Hasselhoff sugere que a tradução latina do *Guia dos Perplexos*, de Maimonides, poderia ter sido realizada em consequência da polémica supracitada, explorando as relações entre o texto e os escolásticos dominicanos iniciadas por Alberto Magno, entre 1244 e 1246, eventualmente traduzida pelos frades Henrique Teutónico e Thibaud de Sezánne, subprior do convento de Saint Jacques²⁹. Trata-se de uma obra que pretende conciliar o judaísmo com a lógica de Aristóteles, utilizada por rabinos para disputar e estabelecer as leis judaicas (*halakah*)³⁰.

Ao que parece, a polémica do *Talmud* impulsionou também uma receção mais ativa dos *Diálogos contra Judeus* de Pedro Afonso³¹, o intelectual judeu de Huesca convertido ao cristianismo do século XI. D’Ors chegou a suspeitar que a atribuição do *Tractatus* a um Pedro Afonso dominicano poderia ser resultado de uma confusão com

²⁵ Lecousy (2019, p. 152; descrição detalhada da polémica e textos envolvidos nas pp. 147-181).

²⁶ Conforme se lê na nota 16, o outro frade dominicano presente é Martinho de Valentinis, sobre o qual não conseguimos obter notícias.

²⁷ Zonta (2010, pp. 77-116).

²⁸ Meirinhos (2002, p. 154).

²⁹ Hasselhoff (2019, p. 226).

³⁰ Hasselhoff (2019, p. 222).

³¹ Shipley (2016, p. 68).

esse Pedro Afonso convertido³². A nosso ver, novamente cabe analisar a sugestão na direção oposta, neste caso, de que exista algum manuscrito catalogado como obra deste último que pudesse ser atribuída ao frade homónimo. Efetivamente, trata-se de um problema relativamente comum na atribuição de obras a autores medievais.

O frade Pedro Afonso Hispano e o rei Afonso III

A perspetiva lusa conduz a uma segunda menção a um Pedro Hispano dominicano na documentação portuguesa, situado em Montpellier em 1268, ou seja, o mesmo local e a mesma época nos quais surgem os primeiros comentários ao *Tractatus*. Trata-se do testamento do bispo de Coimbra e recém-nomeado arcebispo de Compostela, Egas Fafes de Lanhoso, que faleceu em 1268, em Montpellier. O arcebispo tinha relacionamento com religiosos da região, eventualmente da época em que estudou direito na universidade local³³. Na ocasião, além do arcebispo de Narbona, dois frades dominicanos assinam e selam o testamento como representantes dos priores da Província de Hispania e do convento de Montpellier, provavelmente Pedro e Simão Hispanos, os dois únicos dominicanos anunciados entre os presentes³⁴. À partida, não há como saber se é o frade Pedro quem representa o convento de Montpellier. Em qualquer caso, há motivos para excluir a sua identificação com o homónimo nascido em Limoges, antes citado. Embora este tenha servido o convento de Montpellier pelo menos ao longo dos anos 1250 – quando é mencionado pela primeira vez nas actas da província da Provença –, posteriormente, entre 1260 e 1262 ocupou o priorado do recém-fundado convento de Castres, e lá teria permanecido até 1279, quando faleceu³⁵.

No entanto, um dos beneficiários de Egas Fafes – Domingos Miguéis, dito cavaleiro – sugere uma relação entre o arcebispo e um ilustre Pedro Afonso: o irmão bastardo de Afonso III, a quem o monarca se refere como *meus frater*³⁶ num evento público ocorrido em Faro, em 1249: a doação de casas em Santarém a João Peres Aboim, que fora criado com D. Afonso em França e se tornaria o homem mais rico daquela altura. Trata-se da primeira e única menção direta a esse bastardo régio, que depois desaparece por completo. Um documento régio de 1258 dá notícia de uma iniciativa do rei em favor dos colaços de seu irmão Pedro Afonso: Mor Miguéis e Domingos Miguéis. É provável que este último seja um dos homens da esposa de João Aboim, D. Marinha de Arganil³⁷, ou seja, encaixado no círculo íntimo do rei Afonso III. Egas Fafes sempre foi aliado de Afonso

³² D'Ors (2007, pp. 165-166).

³³ O título de mestre é referido em documentos de 1238 e 1245 e a formação em Direito é sugerida pelos títulos dos livros legados pela personagem. Cfr. Norte (2016, p. 73).

³⁴ Morujão (2010, p. 315).

³⁵ Vide nota 7.

³⁶ Ventura (1992, p. 555).

³⁷ Cfr. Ventura (1992, p. 572).

III, e não seria estranho que fosse próximo ao seu irmão bastardo e beneficiasse o seu colação em testamento: era uma prática comum, na altura, beneficiar parentes de seres queridos. Mas por que não beneficiaria o próprio Pedro Afonso? Talvez tivesse falecido ou renunciado os bens materiais, como poderia ser o caso de um frade.

A nosso ver, há indícios para a identificação do frade Pedro Afonso Hispano com o bastardo régio. A historiografia portuguesa identifica o retorno de todas as testemunhas portuguesas do juramento de Paris³⁸, exceto a do frade Pedro Afonso Hispano, na mesma altura da “aparição” do irmão homónimo de D. Afonso. Depois da notícia de 1249, a personagem desaparece por completo do cenário português, facto que parece ser mais compatível com alguém que se manteve à margem da política local e, além disso, partiu do reino o mais rapidamente que pôde, do que com uma personagem falecida. Portanto, faz sentido pensar que o bastardo régio fosse o frade, que regressou a França depois de ter cumprido a sua missão – dar credibilidade ao juramento de Paris com sua presença física em Portugal – e logo após o período mais crítico da crise sucessória.

Dada a escassez de notícias biográficas da personagem na documentação portuguesa, é provável que esse filho bastardo tenha como mãe uma senhora originária de Leão ou Castela, onde teria passado a infância e a juventude. Como tantos bastardos régios, Pedro Afonso acabou abraçando a carreira religiosa e, por algum motivo, seguiu para França ou Flandres, eventualmente passando por Navarra, reino ao qual o seu tio Pedro Sanches se vinculou, depois de 1230. Este havia deixado Portugal

(...) após o coroamento de seu irmão Afonso II, junto com outros nobres opositores do novo rei. Foi um dos principais homens de confiança do então rei leonês Afonso IX, tendo ocupado o cargo de mordomo-mor de 1223 até a morte deste, em 1230, além de várias tenências e, em 1228, foi nomeado *assistens regis*. A este grupo de portugueses exilados em Leão se juntaram outros nobres a partir de finais de 1211 ou princípios de 1212, quando Afonso II se enfrentou a suas irmãs Teresa, Sancha e Mafalda, pela posse dos senhorios que o pai lhes havia deixado em testamento. Eram partidários das infantas que combateram em nome delas, com a ajuda de Pedro Sanches, junto com o rei leonês, que havia sido casado com Teresa e com quem tinha duas filhas. A morte de Afonso II em 1223, contudo, não teve como consequência o retorno massivo dos exilados. Em 1226 já se encontra em Leão Rui Gomes de Briteiros, como vassalo de Pedro Sanches. Esses nobres já estavam bem estabelecidos em Leão pelo menos até 1230, quando a morte de Afonso IX levou ao conflito sucessório entre Fernando III – filho deste com Berengária de Castela – e as suas irmãs Sancha e Dulce – filhas de Teresa de Portugal –, que eram as herdeiras legítimas do reino segundo o testamento deixado pelo pai. O episódio deflagrou um enfrentamento dos partidários de ambos os lados nomeadamente em Leão, Astorga e Zamora – as mesmas cidades às quais faz referência o autor do

³⁸ Os nobres que testemunharam o mencionado juramento e que assumem alguns dos mais altos cargos da corte: Estevão Anes é feito chanceler; Rui Gomes de Briteiros, mordomo; o filho de Pedro Ouriques (designado na tradução supramencionada), João Peres de Aboim torna-se um dos homens mais ricos de Portugal (Ventura, 1992, pp. 82, 115, 566, 594 e 619). O arcebispo de Braga e o Bispo de Coimbra retornaram e com grande probabilidade também o frade franciscano Domingos Bracarense.

Tractatus na única passagem em que deixa uma marca de sua identidade, daí a sua importância para a determinação de sua autoria³⁹.

Ou seja, Pedro Afonso Hispano não só poderia ser situado no Norte de Espanha como na Ordem Dominicana, antes de 1245, quando aparece testemunhando o juramento de D. Afonso, a quem acompanhou em sua viagem a Portugal, onde permanece por alguns anos antes de retornar a França. Talvez se trate do mesmo frade Pedro que testemunhou o testamento de Egas Fafes que, por sua vez, poderia ser o representante do prior do convento dominicano de Montpellier, em 1268.

Evidentemente, todas as identificações antes sugeridas necessitam de ulteriores investigações. Em qualquer caso, todos esses Pedros Hispanos merecem maior atenção no âmbito das investigações em torno da autoria do *Tractatus*, como temos demonstrar.

Conclusão

Não estamos mais perto de descobrir quem realmente é o autor do *Tractatus*, mas a perspectiva lusa permitiu colocar novas informações sobre a mesa, ampliando as possibilidades de estabelecer conexões entre testemunhos, conhecidos ou que estão por ser descobertos, como é comum nos estudos medievais. Para além dessa abordagem e de documentos inéditos no âmbito da autoria dominicana da obra, este artigo contribui para o esclarecimento do contexto de produção da primeira edição impressa da obra, de 1474. E, ainda, com a polémica em torno à autoria da *Legenda Prima*, comumente atribuída a Pedro Ferrando que, em consequência do testemunho de Luís de Valladolid, poderia ter escrito também a obra que nos ocupa.

O facto é que a falta de testemunhos indubitáveis acaba por conduzir a um círculo vicioso de atribuição do *Tractatus* a personagens homónimas mais conhecidas, dominicanas ou não, quando está claro que o seu autor foi um ilustre desconhecido, ainda que eventualmente tenha ascendência régia portuguesa. Isso não significa que o papa João XXI – a mais famosa entre elas – não tenha escrito alguma das cinquenta obras que lhe são atribuídas, mas não é ele quem brilha no *Paraíso* de Dante.

³⁹ Mendes (2021, p. 43).

Referências:

- Brandão, Frei António (1632), *Quarta Parte da Monarquia Lusitana*, Lisboa, Mosteiro de São Bernardo. URL: https://books.google.es/books?redir_esc=y&hl=pt-BR&id=OERv8msLJWwC&q=juramento#v=onepage&q&f=false
- Delannoy, P. (1915), «The Library of the University of Louvain», *The Nineteenth Century*, Vol. LXXVII, n. 59, p. 1061.
URL: http://www.uniset.ca/microstates/delannoy_louvain.htm
- Denifle, Heinrich (1886), «Quellen zur Gelehrten-geschichte des Predigerordens im 13. und 14. Jahrhundert», *Archiv für Literatur und Kirchengeschichte des Mittelalters* II, pp. 165-248.
- Denifle, Heinrich & Chatelain, Émile (1889), *Chartularium Universitatis Parisiensis*. Tomo I.
- De Rijk, Lambertus (1986), *Tractatus: llamados después Summule Logicales*. Mauricio Beuchot (trad), México, Universidad Autónoma Nacional de Mexico.
- D’Ors, Angel (2001), «Petrus Hispanus O. P. Auctor Summularum (I)», *Dicenda: Cuadernos de Filología Romanica* 19, pp. 243-291. URL: <https://revistas.ucm.es/index.php/DICE/article/view/DICE0101110243A/12457>
- D’Ors, Angel (2007), «Petrus Hispanus O.P. Auctor Summularum (II). Nuevos documentos y problemas», *Dicenda: Cuadernos de Filologia Hispánica*, 25, pp. 139- 180.
URL: <https://revistas.ucm.es/index.php/DICE/article/view/DICE0707110139A/11815>
- D’Ors, Angel (2015), «Petrus Hispanus Auctor Summularum (III). Petrus Alfonsi o Petrus Ferrandi?», *Dicenda – Cuadernos de Filologia Hispánica*, 33, pp. 35-89. URL: <https://revistas.ucm.es/index.php/DICE/article/view/50931/47274>
- Douais, Célestin (1894), *Acta Capitulum Provincialium Ordinis Fratrum Praedicatorum – Première Province de Provence, Province Romaine, Province D’Espagne (1239-1302)*, Toulouse, Imprimerie et Librairie Édouard Privat.
- Hasselhoff, Görge K. (2019), «The Translation of Maimonides’ Dux neutrorum as a Reaction to the Talmud Trial?», in Fidora, Alexander & Hasselhoff, Görge K (coords.), *The Talmud in Dispute During the High Middle Ages*, pp 219-233. URL: https://ddd.uab.cat/pub/caplli/2019/239941/taldisdurhigmidage_a2019p219.pdf
- Lecousy, Amélia (2019), *Dialogues, collaboration et transmission du savoir entre intellectuels juifs et chrétiens: la France des XIIIe-XIVe siècles*. Universidade de

- Montreal (Dissertação de doutoramento em História). URL: <https://papyrus.bib.umontreal.ca/xmlui/handle/1866/24794>
- Meirinhos, José (2002), *Pedro Hispano séc. XIII ... e multa scripsit*. Vol. 2. URL: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/55829/2/>
- Mendes, Fernanda Pereira (2019), «A Divina Comédia e Petrus Hispanus O.P.: outro português notável na Idade Média?», *Guarecer: Revista Eletrónica de Estudos Medievais*, 4, pp. 31-48.
URL: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/gua/article/view/8585/8040>
- Mendes, Fernanda Pereira (2021), «Elementos para a atribuição de uma nova identidade ao Pedro Hispano da Divina Comédia», *Revista de Filologia Románica*, 38, pp. 37-46. DOI: <https://doi.org/10.5209/rfrm.78805>
- Morujão, Maria do Rosário (2010), *Testamenta Ecclesiae Portugaliae (1075 – 1325)*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa. URL: https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/7221/4/HRFS_6_Testamenta.pdf
- Norte, Armando José Gomes do (2016), *Letrados e Cultura Letrada em Portugal (Sécs. XII E XIII)*, Lisboa, Universidade de Lisboa (Dissertação de doutoramento).
- Pizarro, José Augusto de S. M. (2010), «De e para Portugal. A circulação de nobres na Hispania Medieval (séc XI a XV)», *Anuário de Estudos Medievais*, 40 (2), pp. 889–924. DOI: <https://doi.org/10.3989/aem.2010.v40.i2.327>
- Silva, Leila Rodrigues da & Silva, Andréia Frazão da (2016), *Mártires, confessores e virgens: O culto aos santos no ocidente medieval*, Petrópolis, Editora Vozes.
- Sousa, António Caetano de (1739), *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Tomo I, Lisboa, Officina Sylviana da Academia Real. URL: https://books.google.es/books?id=knUmS77pLMIC&printsec=frontcover&hl=es&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false
- Taillebourg & Saintes (1893), «La campagne de Poitou 1242-1243». *Annales du Midi*, pp. 289-314.
- Trutvetter, Ioducus (séc. XV/XVI), *Explanatio i[n] no[n]nulla Petri Burdegalensis, quem Hispanum dicunt [...]*
URL: <https://books.google.es/books?id=Nz2gBHwEuc4C>
- Shiple, Andrew (2016), «Peter Alfonsi and the Trial of the Talmud», *Haberdashers' Aske's Occasional Paper*, 7. URL: <https://www.habselstree.org.uk/boys/wp-content/uploads/sites/2/2024/06/OP-7-Shiple-Peter-Alfonsi-and-the-Trial-of-the-Talmud.pdf>

STUDIUM PARISIENSE, base prosopográfica da Universidade de Paris. URL: <http://studium-parisiense.univ-paris1.fr>

Ventura, Leontina (1992), *A nobreza de corte de Afonso III*, vols. I e II, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

URL: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/12221>

Zonta, Mauro (2010), «Structures And Sources Of The Hebrew Commentary On Petrus Hispanus's Summulae Logicales By Hezekiah Bar Halafta, Alias Bonenfant De Millau», in Schumann, Andrew (ed.), *Judaic Logic*, Berlim, De Gruyter. URL: https://www.academia.edu/6525161/Structure_and_Sources_of_the_Hebrew_Commentary_on_Petrus_Hispanuss_Summulae_Logicales_by_Hizqiyyah_bar_Halafta